

ESCRITORES DA LIBERDADE:

Uma experiência de sucesso apesar da falta de apoio do gestor educacional

FREEDOM WRITERS:

A success experience despite the lack of support from the educational manager

Magna Celene Parreiras de Assis¹

Resumo

O filme *Escritores da Liberdade* (Freedom Writers, EUA, 2007), dirigido por Richard LaGravenese, ressalta a ideia de que uma educação transformadora só é possível quando o professor acredita na mudança a partir de uma aprendizagem significativa. A professora Erin Gruwell, personagem principal do filme, conseguiu provar que, apesar da falta de apoio dos outros professores e da gestora educacional, é possível transformar a sala de aula e, o mais importante, transformar a vida dos alunos.

Palavras-chave: Planejamento. Transformação. Autoestima. Aprendizagem. Realidade.

Abstract

The movie Freedom Writers directed by Richard LaGravenese, highlights the idea that a transformative education is only possible when the teacher believes in change from a meaningful learning experience. The teacher Erin Gruwell, the movie's main character, is able to prove that despite the lack of support from other teachers and the educational manager it is possible to transform the classroom and, most importantly, transform students lives.

Keywords: Planning. Transformation. Self esteem. Learning. Reality.

Escritores da Liberdade é um filme ambientado em uma escola de ensino médio de Long Beach, Costa Oeste dos Estados Unidos, próxima de Los Angeles e

¹ Psicopedagoga, Consultora Educacional e Professora de História no Ensino Médio do Colégio Pitágoras Cidade Jardim, em Belo Horizonte. E-mail: magnaassis7@gmail.com.

fronteira com o México. A localização geográfica da escola reflete os conflitos raciais e culturais abordados no filme, já que a presença de imigrantes causou muita rivalidade entre os alunos. Essa rivalidade é reforçada por alguns professores que, apoiados pela gestora, acreditam que o imigrante veio para ocupar o lugar do morador de Long Beach, especialmente nessa escola.

Como o gestor pode auxiliar ou atrapalhar o professor na condução da aprendizagem em um ambiente conflituoso em sala de aula? O objetivo deste ensaio é responder a essa pergunta, a partir da análise da experiência de sucesso da professora Erin Gruwell, protagonista do filme, e de outros professores que, no dia a dia, transformam as salas de aula em verdadeiros espaços de aprendizagem para a vida, independente do apoio da gestão escolar.

Situações de conflito fazem parte de diversos contextos sociais, e a escola, fazendo parte dessa sociedade, também está sujeita a inúmeros embates entre professores, entre professores e alunos e entre professores e gestores.

Este ensaio trata do confronto entre diferentes personagens de uma escola de ensino médio, nos Estados Unidos. Mas poderia ser uma escola de qualquer lugar do Brasil, pois o conflito é marcado por um triângulo que envolve gestores, professores e alunos.

Dentre os personagens que se destacam em um ambiente educacional conflituoso, vamos apresentar, em primeiro lugar, o professor. A professora, Erin Gruwell, novata na profissão, representada por Hilary Swank, é a personagem principal. De família de classe alta e com visão idealista, a professora foi designada para ministrar aulas de inglês em uma turma problemática e não pôde contar com o apoio da gestora.

Outro personagem que merece destaque é a gestora da escola, Margaret Campbell (interpretada por Imelda Staunton). Margaret é uma profissional que há muitos anos trabalha em uma escola muito bem-conceituada na sociedade em que estava inserida. Porém, vê seus resultados quantitativos e qualitativos caírem, após ser obrigada a receber inúmeros estudantes oriundos de um programa de integração social, aprovado e posto em execução pelo Estado.

Por último, vamos apresentar os alunos de uma problemática turma de ensino médio, muitos deles vítimas de agressões físicas e psicológicas, inclusive por familiares. Outros eram membros de gangues e cumpriam penas por diversos

delitos. Dentre eles, Eva (interpretada por April L. Hernandez), uma adolescente latina que vive em gangues e tem péssimo comportamento na escola, apresentando sempre uma postura combativa e de confronto. O ambiente de violência em que a maioria desses alunos foi criado e viveu nos últimos anos, favorecia o conflito e a dificuldade de aprendizagem, pois eram vistos como incapazes de aprender, e o pior, sem perspectivas de melhoria na escola e na sociedade.

Foi nesse ambiente conflituoso e sem apoio da gestão que a recém-formada professora deveria ensinar. Como motivar os alunos? Para o pesquisador norte-americano David Paul Ausubel (1918-2008), quanto mais sabemos, mais aprendemos. Segundo ele: “O fator isolado mais importante que influencia o aprendizado é aquilo que o aprendiz já conhece”. Pensada para o contexto escolar, a teoria de Ausubel leva em conta a história do sujeito e ressalta o papel dos professores na proposição de situações que favoreçam a aprendizagem. De acordo com ele, há duas condições para que a aprendizagem significativa ocorra: o conteúdo a ser ensinado deve ser potencialmente revelador e o estudante precisa estar disposto a relacionar o conhecimento de maneira consistente e não arbitrária.

Como saber o que o aluno já sabe? Perguntando. E foi isso que a professora Erin Gruwell, fez. Com o intuito de trabalhar as diferenças, perguntou para os alunos se eles sabiam o que era o holocausto. Ao perceber que os seus alunos desconheciam essa histórica tragédia, ela se valeu de algumas estratégias com o objetivo de conscientizá-los a respeito dos horrores que a segregação racial pode causar. Mostrou então para os seus alunos o que realmente seria uma gangue, a qual ela comparou com o nazismo de Hitler, que queria exterminar negros e judeus, a fim de criar uma raça ariana que ele considerava “pura”.

A principal função do organizador está em preencher o hiato entre aquilo que o aprendiz já conhece e o que precisa conhecer antes de poder aprender significativamente a tarefa com que se defronta (AUSUBEL; NOVAK; HANESIAN, 1980, p. 144).

Ignorando a falta de apoio da gestora e as críticas dos outros professores mais antigos da escola, a professora solicitou aos seus alunos que lessem “O Diário de Anne Frank” e que, após a leitura, escrevessem seu próprio diário, contando tudo o que quisessem sobre as suas vidas. Mas ela queria mais. Desejava que seus alunos pudessem ver de perto os horrores do holocausto e, por isso, pede

autorização ao conselho para levá-los ao Museu de História. Além de conhecer a história de muitos que foram vítimas do holocausto, os alunos conheceram os relatos de pessoas que tiveram a coragem de enfrentar situações difíceis e sobreviveram ao holocausto.

Os alunos voltaram diferentes para a escola, pois perceberam que, por mais difícil que era a realidade em que muitos viviam, era preciso lutar para transformá-la. A partir daí a “tarefa” de escrever o diário foi ficando cada vez mais interessante e significativa. E essa aprendizagem ficou ainda mais significativa, quando a professora sugeriu que os alunos escrevessem cartas para a Sra. Miep Gies, uma mulher que havia protegido Anne Frank na vida real, contando-lhe o que acharam do livro. Empolgados com a atividade, resolvem enviar as cartas e coletar fundos para trazê-la até a escola e conhecer seu depoimento de perto. Apesar da amarga realidade em que Sra. Miep Gies viveu, os alunos da turma 203 ouviram suas doces palavras.

A essência do processo de aprendizagem significativa é que as ideias expressas simbolicamente são relacionadas às informações previamente adquiridas pelo aluno através de uma relação não arbitrária e substantiva (não literal) (AUSUBEL; NOVAK; HANESIAN, 1980, p. 144).

A metodologia utilizada pela professora Erin Guwell não só ampliou o capital intelectual da turma 203 do Colégio Woodrow Wilson Los Angeles, como também fortaleceu as relações pessoais, diminuindo as rivalidades que faziam parte do cotidiano daqueles alunos. Ela foi além, convenceu os alunos de que eram capazes de mudar, e muito mais, mudar a realidade em que viviam.

A professora tão amada não daria aula no 3º nem no 4º ano, mas os alunos já sabiam que podiam mudar essa realidade. Mobilizaram-se, insistiram com o conselho para que a professora tivesse permissão para continuar a lecionar para eles. Conseguiram, afinal tinham aprendido que, para mudar, era preciso lutar.

A obra fílmica possibilita uma ampla reflexão sobre o cotidiano do professor, suas angústias e a vontade incansável de ensinar e aprender. Observa-se no enredo do filme *Escritores da Liberdade* um descompromisso da gestora com a educação, visto que o seu principal papel no ambiente educacional seria garantir excelência na educação e incentivar a produtividade dos professores.

Durante todo tempo Margaret ressalta a incapacidade de aprendizagem dos alunos e a impossibilidade de mudar o comportamento daquela turma; e o pior, desencorajava a recém-formada professora Erin Guwell de acreditar que suas ações, que lhe custavam tempo e dinheiro, seriam em vão. Essa é a realidade de muitas escolas brasileiras, gestores que não aceitam a mudança e não acreditam na transformação do sujeito. Mas, em contrapartida, existem muitos professores que têm uma visão reflexiva acerca do processo de ensino e aprendizagem e acreditam na possibilidade de transformar a realidade intelectual e social de seus alunos, apesar da falta de apoio pedagógico e de recursos financeiros.

REFERÊNCIAS

AUSUBEL, David P., NOVAK, Joseph D., HANESIAN, Helen. **Psicologia educacional**. Tradução Eva Nick. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.

ESCRITORES da liberdade. Direção Richard Lavagranese. Roteiro: Richard Lavagranese e Erin Gruwell. EUA/Alemanha, 2007 (2h30min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IHmw50azNzs>>. Acesso em: 02 dez. 2018